



## **GELÉIAS E PERSEGUIÇÕES: uma história de doces e amargas lembranças – Resenha do livro *Retratos antigos* (esboços a serem ampliados) de Elisa Lispector**

**Luiza de Oliveira<sup>1</sup> & Willian Rolão Borges da Silva<sup>2</sup>**

O livro póstumo de Elisa Lispector, organizado por Nádia Battella Gotlib e lançado pela Editora da UFMG, aguardou vinte e dois anos após a morte da autora para ser conhecido pelo público. Escrito, inicialmente, em 28 laudas datilografadas, os dez capítulos do livro descortinam não só a história da família Lispector como a de todos aqueles judeus que tiveram que deixar seu lugar de origem e tornaram “exilados” em outras partes do mundo. Da Ucrânia ao Brasil, a narradora vai apresentando seus antepassados, a história e os costumes da tradição e da aflição judaica.

No texto de apresentação, “Memória encenada: retratos, recordações, reconfigurações”, a organizadora do livro comenta que a história que foi intitulada *Retratos antigos* poderia também ter outros títulos, tais como “retratos falados”, “história de família” ou “um homem que se perdeu”, todos retirados de passagens

---

<sup>1</sup> Graduada em Filosofia Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPG-MEL) Campus Campo Grande. Defendeu tese intitulada *Clarice e o silêncio: a linguagem em A paixão segundo G.H.*, sob a orientação do Prof. Edgar César Nolasco. Membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados- NECC/UFMS.

<sup>2</sup> Acadêmico do 4º ano do curso de Letras da Universidade de Mato Grosso do Sul, bolsista em Iniciação Científica PIBIC/CNPq e membro do Núcleo de Estudos Culturais e Comparados (NECC – UFMS), desenvolve o plano de trabalho: “Máscaras nas crônicas femininas de Clarice Lispector” sob a orientação do Prof. Edgar César Nolasco.

do livro. Como descreve Gotlib, na capa do texto datilografado por Elisa Lispector, uma frase manuscrita com “tom de aconselhamento” diz “Atenção, Márcia”, num pedido para que a sobrinha atenta-se ao que está por vir. Esta frase revela como nasceu a ideia de escrever o texto: mexer nos “retratos antigos” e manter viva a memória de uma família. Para a organizadora “trata-se de uma apresentação dos antepassados da família Lispector por uma de suas descendentes: Elisa”<sup>3</sup>

Segundo as informações de Nádya Battella Gotlib, há indícios de que o texto teria sido escrito a partir da década de 70, pois sua dedicatória é destinada a seus descendentes, suas sobrinhas, filhos de Clarice Lispector e Tânia Kaufmann, Pedro, Paulo e Márcia. E aos descendentes de “segunda geração”, Patrícia, Marco e Nicole (filhos de Márcia e netos de sua irmã Tânia), nascidos durante a década de 60. Ao longo da narrativa é confirmado o período de confecção do texto, pois, conforme conta Gotlib, a mesma Nicole que aparece na dedicatória reaparece no livro como a “menininha” curiosa que faz perguntas à sua tia-avó instigando-a a escrever. E como Nicole nasceu em meados dos anos de 1960, o texto só pode ter sido escrito a partir do início de 1970.

A história que aí se conta é a história de “ver o álbum de família”. Elisa Lispector é autora, narradora e é também personagem de *Retratos antigos*. A história é fruto das lembranças que a autora tem de seus antepassados e o álbum de retratos de sua família, nessa perspectiva, funcionou como um “ativador” de lembranças. Como se ao virar cada página do álbum de fotografias e ao comentá-las para sua sobrinha, a história de sua família fosse descortinada através da memória. Os sobrinhos de Elisa e seus descendentes possuem agora outro meio de conhecer a história de seus antepassados. Antes possuíam apenas as fotografias, após a publicação da narrativa eles podem visitar sua família e entrar em contato minimamente que seja com seus costumes e com a personalidade de seus ancestrais.

A publicação encontra-se dividida em quatro partes. O livro foi impresso nos moldes de um álbum antigo já para dar uma impressão para o que está por vir: a reprodução das fotos do álbum de família dos Lispector. As fotos selecionadas para essa primeira parte da publicação são as mesmas que figuram no antigo

---

<sup>3</sup> GOTLIB. Memória encenada: retratos, recordações, reconfigurações, p.57.

álbum de fotografias de Elisa Lispector. Fotos tiradas na Ucrânia, que ainda pertencia à Rússia, e também no Brasil, nas primeiras décadas do século XX.

Em seguida, temos o texto de Nádia Battella Gotlib, que prepara o espírito do leitor para mergulhar nas lembranças da narradora. Na terceira parte da publicação está o texto de Elisa Lispector. O texto é breve, e, como destaca a organizadora, tem caráter de texto não acabado, pois a autora já na primeira lauda de seus datiloscritos escreve abaixo do título a seguinte expressão: “esboços a serem ampliados”. A última parte que compõe o livro é uma espécie de legenda das fotos reproduzidas em *Retratos antigos*, nome de familiares, graus de parentescos, dedicatórias e recados, datas e cidades ajudam o leitor a se situar nessa história que é de certa forma, coletiva.

De acordo com Gotlib, o texto teria que esperar muito tempo para ser publicado, pois, apesar de Elisa ser a primogênita de Pedro e Marieta, morreu 12 anos depois sua irmã caçula Clarice Lispector, e, por não ter descendentes diretos, seu espólio passou para as mãos da irmã Tânia Kaufmann. Apenas nos seus últimos anos de vida divulgou entre pesquisadores alguns dos documentos nele reunidos, sem, contudo, abrir totalmente o “baú”.<sup>4</sup> Quando Tânia faleceu, o espólio de Elisa foi entregue à sua filha Márcia Algranti e à sua neta Nicole. Hoje parte dele encontra-se depositado no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro.

A dificuldade que se impõe ao resenharmos o livro de Elisa Lispector é como pensar a relação entre ficção, memória e autobiografia, pois o que lemos em *Retratos antigos* nada mais é que a memória ficcionalizada da escritora. A essa altura, é impossível não nos lembrar dos postulados da crítica biográfica e do conceito de memória do filósofo Jacques Derrida.

Eneida Maria de Souza, em “Notas sobre a crítica biográfica”, afirma que o autor é aquele que ultrapassa os limites do texto e alcança o território biográfico, histórico e cultural.<sup>5</sup> De acordo com a estudiosa, “os fatos da experiência ao serem interpretados como metáforas e como componentes importantes para a construção de biografias, se integram ao texto ficcional sob a forma de uma representação do

---

<sup>4</sup> GOTLIB. Memória encenada: retratos, recordações, reconfigurações, p.59.

<sup>5</sup> SOUZA. Notas sobre a crítica biográfica, p.116.

vivido”.<sup>6</sup> Para Souza, os princípios básicos da crítica biográfica resultam na produção de um saber narrativo, junção da teoria com a ficção. Esse saber se concentra “na permanente construção do objeto de análise e nos pequenos relatos que se compõe a narrativa literária e cultural”.<sup>7</sup>

De acordo com Eneida Maria de Souza, a crítica biográfica entende que a ficção está pautada no social, em elementos da vivência do escritor. Por conseguinte, essa crítica permite expandir as formas de interpretar a literatura porque ao analisar a relação entre a obra e o autor deixa de concentrar-se apenas na reprodução ficcional. Para Souza:

A teoria desconstrutivista de Jacques Derrida e o conceito de arqueologia de Michael Foucault constituem a “condição de conhecimento” do texto documental, biográfico e ficcional, por preconizarem o deslizamento dos discursos entre o si e o lugar ocupado pela crítica biográfica – entre a teoria e a ficção, entre o documento e a literatura.<sup>8</sup>

Como lembrar-se de pães, doces e festas em meio a tanta crueldade? Como contar com doçura a saga de uma família judia em migração? É que a memória nem sempre é um retorno fidedigno ao passado, ela é filtrada por afetos, emoções, e no caso da escritora Elisa Lispector, a memória é filtrada pela maturidade. Estudiosa derridiana, Maria José Coracini tem passagem esclarecedora sobre o conceito de memória em Derrida que nos ajuda a compreender o livro em questão:

É importante entender que para Derrida, nem a memória individual é inocente, neutra, uma retomada da origem intacta, pura, do acontecimento em sua objetividade, ainda que esse acontecimento tenha sido vivido, presenciado, testemunhado [...]. A memória será sempre interpretação, invenção, ficção, que se constitui a posteriori do acontecimento, em um momento que outros já se entrecruzam e fizeram história. Por essa razão sempre será incompleta, faltosa, de certa maneira sempre verdadeira e, ao mesmo tempo, mentirosa.<sup>9</sup>

O primeiro romance autobiográfico publicado de Elisa Lispector, *No exílio*, foi lançado no ano de 1948. Apesar da escritora não manter os nomes próprios de seus familiares idênticos na ficção, segundo Nádía Battella Gotlib:

---

<sup>6</sup> SOUZA. Notas sobre a crítica biográfica, p. 119.

<sup>7</sup> SOUZA. Notas sobre a crítica biográfica, p. 114.

<sup>8</sup> SOUZA. Notas sobre a crítica biográfica, p. 119.

<sup>9</sup> CORACINI. A memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre vida, p. 130.

O cotejo entre os dados aí narrados e registros documentais de pessoas da família permite constatar que a história que aí se conta é da família Lispector. [...] *No exílio*, conta com detalhes o que Clarice nunca nos contou – a história dos antepassados e a viagem da família ao Brasil.<sup>10</sup>

Elisa é mais amena ao comentar os pogrons em *Retratos Antigos*. Já em seu romance autobiográfico *No exílio*, ela deixa transparecer toda a violência causada pelos perseguidores dos judeus. Destacamos aqui um trecho deste livro em que Sarah conta a Marim um pogrom que ocorrera na vizinhança:

foi uma porção deles (...) Foram muitos, muitos... E estavam loucos selvagens. Não houve rogos nem prantos que os abrandasse. (...) Penduraram-na na bandeira da porta, de mãos e pés atados, e obrigaram-na a presenciar tudo, até o fim. Daí para cá está assim. Não vê nada, não ouve, não entende coisa alguma. Não fala, nem sequer chora.<sup>11</sup>

Nesta ocasião, Marim ainda pergunta o que era aquilo, e lhe informam que aquilo era chamado de pogrom. Marim na verdade é Marieta, mãe de Elisa, que alterou os nomes dos personagens do livro, para diferenciá-los de seus familiares. Depois de algum tempo Marieta é quem ficará adoentada, não se sabe exatamente o que aconteceu a ela, mas sabe-se que adoeceu devido a um trauma que sofreu durante um pogrom.

Outra relação que podemos fazer entre *No exílio* e *Retratos Antigos*. Encontra-se na questão da alimentação. Enquanto no segundo Elisa se lembra dos dias das grandes festividades e das comidas servidas e de seus rituais de alimentação, no primeiro a autora descreve de uma forma mais factual, sem muita idealização desse momento de refeição da família. Para demonstrarmos isso, recorreremos a um trecho de uma fala de Pinkhas “Não pude arranjar nada que servisse de *korbanot* nem de *kharosset*. Só consegui raiz amarga para o *maror*. Aves, vinho, nozes... penso que ninguém mais se lembra o que isso vem a ser.”<sup>12</sup> A partir disso, observamos as distinções entre as duas produções de Elisa: *No exílio* a autora está focada na história da família e a trajetória dela até o Brasil. Já em *Retratos Antigos*, o foco recaia nas lembranças boas e felizes passados à volta da mesa.

---

<sup>10</sup> GOTLIB. Memória encenada: retratos, recordações, reconfigurações, p.65.

<sup>11</sup> LISPECTOR, *No exílio*, p. 38.

<sup>12</sup> LISPECTOR, *No exílio*, p.69.

Ucraniana naturalizada brasileira, Clarice Lispector pouco ou quase nada falou sobre o fato de ser judia durante sua vida. Embora muitos estudos tenham sido feitos sobre a tradição judaica e a escritora. Em entrevista, Clarice Lispector declarou: “Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto”. Em algumas crônicas, presentes no livro *A descoberta do mundo*, Clarice Lispector, ao contrário da irmã Elisa, não pretendendo publicar uma autobiografia, fala das recordações de infância.

No começo da crônica que citaremos a seguir, Clarice Lispector escreveu uma nota que reproduziremos aqui porque traduz “em parte” a dificuldade da escritora de falar de sua vida pessoal, e, por conseguinte, de sua herança familiar.

Nota: um dia telefonei para Rubem Braga, o criador da crônica, e disse-lhe desesperada: “Rubem, não sou cronista, e o que escrevo está se tornando excessivamente pessoal. O que é que eu faço?” Ele disse: “É impossível, na crônica, deixar de ser pessoal. Mas eu não quero contar minha vida para ninguém: Minha vida é rica em experiências e emoções vivas, mas não pretendo jamais publicar uma autobiografia. Mas aí vão minhas recordações de viagens ao mar.”<sup>13</sup>

Curioso é que não só Elisa Lispector recorreu à obra plástica de Lazar Segall em *Retratos antigos*, Clarice Lispector na crônica *Viajando por mar* também o fez. Vejamos a passagem da crônica:

A primeira foi com menos de dois meses de idade, da Alemanha (Hamburgo) ao Recife: não sei que meio de transporte meus pais usaram para chegar à Ucrânia, onde nasci, para Hamburgo, onde meu pai procurou emprego mas, felizmente para nós todos, não achou. Nada sei sobre essa viagem de imigrantes: devíamos todos ter a cara dos imigrantes de Lazar Segall.<sup>14</sup>

Em outra crônica, *Viagem de trem*, Clarice Lispector demonstra pouco saber sobre sua infância na Ucrânia: “devo ter viajado de trem da Ucrânia para a Romênia e desta para Hamburgo. Nada sei, recém nascida que eu era”.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 349.

<sup>14</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 349.

<sup>15</sup> LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 350.

Já Elisa Lispector, em cada um dos pequenos dez capítulos do livro desvela/revela um familiar, que é também personagem da história. No capítulo de abertura, o velho álbum de família suscita a questão: “que restou dos personagens desses retratos”? “O que será deles, quando os da minha própria geração não mais existiram, e não houver mais ninguém para dar testemunho de suas vidas”<sup>16</sup>. É nesse clima que a narradora começa o seu relato, ora instigada pelas curiosas perguntas de sua sobrinha-neta sobre o tal “vovô estranho” que aparece em uma das fotografias. E assim nos apresenta a menininha que certo dia assustou-se ao saber que aquelas pessoas sobre as quais falavam já pertenciam ao mundo dos mortos.

Como a criança não parou de perguntar e pedir para ver “os retratos antigos”, a narradora conta-nos que começou a tomar nota de cada nova lembrança, e, assim, muitas outras surgiam na memória. Mas como remontar sozinha a história de uma família, questionou? Ainda mais “para quem pertence a um povo que raramente chega a enterrar no mesmo solo os seus mortos de duas ou três gerações, em consequência dos surtos de perseguições e das migrações que fatalmente se impõem”.<sup>17</sup> Com essa triste motivação, a personagem recorre à ajuda da única sobrevivente da geração antecessora, uma tia, irmã de sua mãe, para saber mais sobre seu passado.

A tia que aparece na trama refere-se, na verdade, a uma tia de Elisa Lispector que veio da Ucrânia para Maceió, e depois para o Rio de Janeiro. Tia Anita Asrilhant, falecida em 1979. Conforme o depoimento do neto, Boris Asrilhant Neto, a Nádía Battella Gotlib em 23-04-2011, sempre que Elisa visitava sua avó, que era geniosa, saíam brigadas. Mas Elisa sempre voltava e o ciclo se repetia. Em passagem do livro, após um suspiro, a tia recomenda: “não se fale mais do passado”.

Chagall ou Segall? Eis a questão? Com qual podemos estabelecer um grau de parentesco com os personagens dos *Retratos Antigos*? Judeus exilados que cruzaram o mar em porões de navios, vítimas de pogrom? Vejamos um trecho:

---

<sup>16</sup> LISPECTOR. *Retratos antigos* (esboços a serem ampliados), p. 83.

<sup>17</sup> LISPECTOR. *Retratos antigos* (esboços a serem ampliados), p. 83.

Em Chagall, figuras poéticas, contos folclóricos. Tudo se passa numa atmosfera onírica. São as suas lembranças de antes de partir para o mundo e dar razão à sua alma de artista. Chagall não pintou céus escuros só iluminados pelos clarões dos incêndios, nem casa de janelas de vidros quebrados olhando para fora como olhos vazados. Não pintou os horrores dos pogroms. Esta herança coube a Segall, POGROM, ÊXODO, NAVIO DE EMIGRANTES, assim são, na maioria, as obras de Segall. Pois, ao contemplar as figuras dos “Retratos antigos” e relembrar os tempos conturbados em que essas pessoas viveram, as vocações irrealizadas, os destinos descumpridos, é de Segall que mais me aproximo.<sup>18</sup>

Nos capítulos que seguem, do segundo ao quinto, a narradora desses retratos apresenta-nos os avôs paternos e as avós maternas. O avô Shmuel, primeira pessoa de quem se recorda, nem figura no álbum de família. Tido como santo e sábio nas cidades da redondeza e amante dos santos mandamentos, ele nunca permitiu ser retratado uma vez que sua religião proíbe a reprodução da figura humana. Barba comprida, cafetã longa e livros sagrados, esse é o retrato do avô paterno. A avó Eva, esposa de Shmuel, também não figura no velho álbum. Mulher dura que era, é lembrada por associação com o marido. Ao lembrar-se da avó materna, lembra também da condição da mulher judia: crescer, casar, ter filhos e também nutri-los. Eva, conformadamente, aceitou seu destino.

Na sequência conhecemos as avós maternas, são delas os primeiros retratos contemplados na narrativa. De um lado do álbum Itschac e, na outra página, Tcharma. Entre as doces lembranças das férias de verão todos os anos passados na casa dos avôs, a cruel morte do avô. Itschac foi morto em um dos pogroms que se seguiram à Revolução Vermelha: “mesmo sem ter sido um devoto, pagou o preço amargo e inalienável destino de ser judeu”.<sup>19</sup> Também não foi longe a vida da avó Tcharma. Afável e caridosa, pois boas ações são deveres da tradição judaica, morreu pela manhã bem cedo “como um pássaro que levanta voo”.<sup>20</sup> Destacamos a diferença na narração dos dois acontecimentos, a morte do avô é narrada de modo bem direto, já a morte da avó é narrada com extrema delicadeza, como comprova o trecho transcrito acima.

---

<sup>18</sup> LISPECTOR. *Retratos antigos* (esboços a serem ampliados), p.85.

<sup>19</sup> LISPECTOR. *Retratos antigos* (esboços a serem ampliados), p.99.

<sup>20</sup> LISPECTOR. *Retratos antigos* (esboços a serem ampliados), p.101.

Nos capítulos finais desses *Retratos antigos*, a “figura” da mãe Márian e do pai Pinkas compõe o livro e ilustram a vida e os costumes judaicos. Márian era bela e elegante. No retrato, “cabelos longos e abundantes”, pois as mulheres de sua geração já não usavam mais perucas depois do casamento, como mandava a tradição. Do retrato da mãe surge a lembrança das lidas diárias: a mesa do chá, bolos de mel, biscoitos de chocolate e também os preparativos típicos para o sábado – dia santo para os judeus - peixe recheado, caldo de galinha e pudim. E assim eram todos os sábados, semana após semana. Tornando a olhar o retrato da mãe, a narradora recorda a tragédia: “foi o trauma de um daqueles fatídicos pogroms que invalidou minha mãe”.<sup>21</sup> Sobre esses ataques sofridos pelos judeus, Elisa comenta

Como se iniciava um pogrom?, já me perguntaram por mais de uma vez, e eu não soube responder. Talvez porque eles mesmos, os que faziam os pogroms, não pudessem dizer. – Amargas realidades para as quais não havia justificativa.<sup>22</sup>

Impecavelmente trajado embora com o rosto magro e semblante triste, essa é a descrição do retrato do pai Pinkas. Comerciante e amante da matemática, contudo deixou de frequentar a universidade por não fazer parte da porcentagem dos judeus que possuíam esse direito. “Uma feição de seu caráter era não ser pródigo em elogios”<sup>23</sup>, sua admiração a alguém era designada pela palavra *mensh* (pessoa, gente). Emigrar nunca foi o desejo do pai, mas esse foi o caminho que a Revolução de 17 apontou: “no retrato da família para o passaporte [...] pateté e colete escuros e muito surrados e muito grandes para seu corpo emagrecido”.<sup>24</sup> É com a figura do pai que a narradora encerra seu relato que é também o retrato de tantas outras famílias. O que aqui é contado, como o testemunho da família Lispector, faz parte de nossa História: da terrível perseguição sofrida pelos judeus. Aquilo que não é dito por Elisa pode ser lido nos retratos dos seus antepassados.

---

<sup>21</sup> LISPECTOR. *Retratos antigos* (esboços a serem ampliados), p.105.

<sup>22</sup> LISPECTOR, *Retratos antigos* (esboços a serem ampliados), p. 90.

<sup>23</sup> LISPECTOR. *Retratos antigos* (esboços a serem ampliados), p.113.

<sup>24</sup> LISPECTOR. *Retratos antigos* (esboços a serem ampliados), p.119.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORACINI, Maria José R F. Memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre vida. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Crítica Biográfica, v. 1, n. 4. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010, p. 125-136.

GOTLIB, Nádía Battella. Memória encenada: retratos, recordações, reconfigurações. In: LISPECTOR, Elisa. *Retratos Antigos (esboços a serem ampliados)*. Org. Nádía Battella Gotlib. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 57-67.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Elisa. *Retratos Antigos (esboços a serem ampliados)*. Org. Nádía Battella Gotlib. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. *No Exílio*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002. p 111- 120.